

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

**KETLEN CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA MENEZES**

**ANTROPONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE DOS SINAIS-NOME ATRIBUÍDOS A  
OUVINTES DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

**RIO BRANCO**

**2021**

**KETLEN CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA MENEZES**

**ANTROPONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE DOS SINAIS-NOME ATRIBUÍDOS A  
OUVINTES DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à Universidade Federal do Acre como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Letras-Libras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

**RIO BRANCO**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

M543a Menezes, Ketlen Cristina dos Santos Oliveira, 1993 -

Antroponímia em Libras: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre / Ketlen Cristina dos Santos Oliveira Menezes; orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Souza. -- 2021.

48 f.: il.; 30 cm.

Monografia (Licenciatura) - Universidade Federal do Acre. Curso de Licenciatura em Letras-Libras. Rio Branco, Acre, 2021.

Inclui referências.

1. Libras 2. Antroponímia 3. Sinal-nome 4. Taxes I. Souza, Alexandre Melo de (orientador)  
II. Título

CDD: 419

**KETLEN CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA MENEZES**

**ANTROPONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE DOS SINAIS-NOME ATRIBUÍDOS A  
OUVINTES DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Libras para obtenção do título de licenciada em Letras-Libras pela Universidade Federal do Acre – UFAC, aprovado em 02 de junho de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (Orientador)  
Universidade Federal do Acre – UFAC

Profa. Ma. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Membro Interno)  
Universidade Federal do Acre – UFAC

Profa. Ma. Gabriele Cristine Rech (Membro Externo)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

RIO BRANCO  
2021

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as vitórias que me permitiu alcançar, me sustentando nos momentos difíceis e me dando forças para cursar uma segunda graduação.

À minha mãe (*in memoriam*), que a despeito de não ter tido o privilégio de sua companhia durante a minha primeira graduação, foi meu exemplo de mulher guerreira, e sempre me motivou a estudar, a lutar por meus objetivos e nunca desistir diante das adversidades.

Ao meu esposo, pela compreensão e companhia durante os anos do curso, continuamente me incentivando a prosseguir nos meus estudos, e, ao meu lado, sempre me ajudando a vencer obstáculos que foram surgindo no intercurso da graduação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, pela pronta disposição a me guiar durante a minha pesquisa e elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, e a paciência com que transmitiu seus conhecimentos, prontamente sanando as dúvidas surgidas durante o processo de aprendizagem do ambiente acadêmico.

À banca examinadora, composta pelas professoras Vivian Gonçalves Louro Vargas (UFAC) e Gabriele Cristine Rech (UFMS) pela leitura atenta e as contribuições para a versão final deste trabalho.

A todos os professores do Curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre, os quais foram fundamentais dentro de suas áreas para minha formação, entretanto, não posso deixar de prestar um agradecimento especial à Prof<sup>a</sup> Dra. Rosane Garcia Silva, que sendo a professora da disciplina de TCC, exerceu com excelência esta função.

## RESUMO

A Onomástica, disciplina linguística que estuda os nomes próprios, é dividida em Toponímia, quando o estudo é sobre os nomes próprios de lugares; e Antroponímia, quando o estudo é sobre os nomes próprios de pessoas. Na Língua Brasileira de Sinais, as nomeações de pessoas se dão por meio da atribuição de um sinal, geralmente, por surdos. A presente pesquisa tem como objeto de estudo a Antroponímia em Libras, ou seja, o estudo dos sinais-nome em Língua Brasileira de Sinais. O objetivo é analisar os sinais que nomeiam as pessoas, em seus aspectos motivacionais. O corpus é formado por 20 sinais de alunos ouvintes – 10 homens e 10 mulheres – estudantes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre-UFAC. Para a análise dos dados, o modelo de Taxonomia Antroponímica proposto por Barros (2018). A fundamentação teórica conta com trabalhos de Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019), Sousa (2019), Souza e Gediell (2017), Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2021) e Rech e Sell, (2020) – para tratar das questões inerentes à motivação no processo de nomear em línguas de sinais. Para as questões relacionadas à iconicidade, nos baseamos em Taub (2001), Perniss (2007) e Quadros (2019). Os resultados foram quantificados e revelaram que dos 20 sinais coletados, 11 são motivados pela taxa AF com 55%; em seguida, a taxa ELO+AF com 35%; posteriormente, a taxa AF+AC com 5%; e por último, a taxa AC+AF também com 5%. Quanto ao contexto de batismo, 75% dos entrevistados informaram que seu batismo foi coletivo e 25% tiveram seu batismo individual.

Palavras-Chave: Antroponímia. Sinal-nome. Libras. Motivação. Taxes.

## ABSTRACT

Onomastics or onomatology, a linguistic discipline that studies proper names, is divided into Toponymy, when the study is about the proper names of places; and Anthroponymy, when the study is about the proper names of people. In the Brazilian Sign Language, people are nominated through the attribution of a sign, usually by deaf people. The present research has as object of study the Anthroponymy in Libras, that is, the study of the name signs in Brazilian Sign Language. The goal is to analyze the signs that name people, in their motivational aspects. The corpus is formed by 20 signs of listening students - 10 men and 10 women - students of the Letras-Libras course at the Federal University of Acre-UFAC. For data analysis, the Anthroponomic Taxonomy model proposed by Barros (2018). The theoretical basis includes works by Quadros and Karnopp (2004), Quadros (2019), Sousa (2019), Souza and Gediell (2017), Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho and Quadros (2021) and Rech and Sell, (2020) - to address issues inherent to motivation in the process of naming in sign languages. For questions related to iconicity, we rely on Taub (2001), Perniss (2007) and Quadros (2019). The results were quantified and revealed that of the 20 signals collected, 11 are motivated by the AF tax with 55%; then, the ELO + AF rate with 35%; subsequently, the rate AF + AC with 5%; and finally, the tax rate AC + AF also with 5%.

Keywords: Anthroponymy. Sign-name. Libras. Motivation. Taxes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Diferença entre língua falada e Língua de Sinais.....	17
Figura 2	Onomástica e interdisciplinaridade .....	20
Figura 3	Taxonomia antroponímica na Libras .....	22
Figura 4	Ficha antroponímica .....	23
Figura 5	Processo de criação sinal-nome icônico.....	25
Figura 6	Sinal-nome icônico, taxe AF .....	26
Figura 7	Referência triádica e referência Onomástica .....	26
Figura 8	Taxionomia antroponímica em Línguas de Sinais.....	31
Figura 9	Ficha antroponímica preenchida.....	32
Figura 10	Exemplos de sinais-nome taxe AF.....	33



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição percentual taxe AF.....	33
Gráfico 2	Distribuição percentual taxe ELO+AF.....	34
Gráfico 3	Distribuição percentual taxe AF+AC.....	36
Gráfico 4	Distribuição percentual taxe AC+AF .....	36
Gráfico 5	Taxes do 3º período .....	37
Gráfico 6	Taxes do 5º período .....	38
Gráfico 7	Taxes do 7º período .....	38
Gráfico 8	Distribuição das taxes de acordo com o sexo.....	39
Gráfico 9	Tempo de contato com os surdos.....	40
Gráfico 10	Contexto de batismo.....	42

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Sinais-nome-dados da pesquisa.....	29
Tabela 2	Distribuição geral das taxes.....	40

## **LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS**

AC	Aspecto Comportamental
AF	Aspecto Físico
AS	Aspecto Social
ASL	Língua de Sinais Americana
CM	Configuração de Mão
ELO	Empréstimo de Língua Oral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L	Locação
Libras	Língua Brasileira de Sinais
M	Movimento
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1	Considerações sobre o léxico e o ato de nomear.....	15
2.2	A Onomástica e a Antroponímia.....	18
2.3	Estudos antroponímicos em Línguas de Sinais.....	20
2.4	A iconicidade nas Línguas de Sinais.....	24
<b>3</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E RESULTADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de nomear é uma das atividades mais antigas da espécie humana, pois sempre sentimos a necessidade de identificar tudo que está ao nosso redor. Tendemos a inferir que tudo só ganha uma significação quando as nomeamos. Dessa forma, não somente pessoas precisam de nomes, mas os lugares, as coisas, os animais, ou seja, tudo que nos rodeia tem uma identificação nominal.

Nomear é uma atividade inerente à espécie humana, portanto, um privilégio dos humanos! Desde os primórdios da humanidade, o ser humano nomeou pessoas, sensações, coisas, espaços como forma de identificá-los, de garantir o pertencimento, de marcar territórios, de imprimir a sua marca a tudo que o rodeia (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 10).

Em algumas culturas, quando uma mulher engravida uma das primeiras preocupações dos pais é saber o sexo do bebê e, em seguida, escolher o nome da criança. Toda família participa desse momento tão esperado, cada um contribui com as mais diversas opções de nomes, listas são montadas, muitas vezes o significado dos nomes é pesquisado e vários fatores influenciam nessa difícil decisão.

Muitos nomes são escolhidos para homenagear um parente, ídolos, pessoas que marcaram a história de um país ou simplesmente por ser um nome muito utilizado em uma determinada época. O fato é que com um leque de variedades nominais, essa escolha nem sempre é fácil. E como saber quais fatores são preponderantes no ato de nomear? O que nos leva a determinadas escolhas no ato da nomeação? Por que em uma determinada época um nome próprio de pessoa foi registrado mais vezes nos cartórios? Essas são algumas perguntas de interesse dos estudiosos que se dedicam às pesquisas dos nomes próprios de pessoas.

Para responder tais questionamentos, segundo Franchi apud Santos (1994), a linguística, ciência que estuda as línguas naturais nas suas diversas áreas, também se encarregou dos estudos dos nomes próprios, mais especificamente através da Onomástica.

A Onomástica é a área da linguística que estuda os nomes próprios, desde os aspectos históricos-sociais até os aspectos linguísticos, cujas principais áreas são: a Toponímia e a Antroponímia.

A Onomástica é a área de conhecimento que estuda os nomes próprios em geral, nas suas dimensões mais profundas (aspectos linguístico-etimológicos, antropológicos, sócio-históricos, geográficos...), examinando o processo de denominação em diferentes épocas e localidades por meio de suas duas grandes áreas de investigação: a Antroponímia, que estuda a origem de nomes próprios de pessoas, nomes individuais, parentais, sobrenomes, apelidos e alcunhas; e a Toponímia, que tem como objeto de estudo os nomes de lugares, os enunciados linguísticos que nomeiam e identificam espaços de áreas rurais (rios, córregos, sangas, corixos, igarapés, cachoeiras, montanhas, serras, cordilheiras...) e urbanas (cidades, vilas, povoados, bairros, ruas, alamedas, praças (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 11).

Os estudos das línguas de sinais são recentes se comparados aos das línguas orais. De acordo com Strobel (2009), Stokoe foi um dos primeiros a realizar estudos linguísticos de uma língua visual-espacial. Seus estudos mostraram a importância da Língua de Sinais Americana (ASL), levando-a a um patamar de língua completa e eficaz para a comunicação, composta pelas estruturas gramaticais fonética, fonológica, morfológica e sintática, assim como qualquer língua oral, servindo de referência para a afirmação de outras línguas de sinais, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A autora ainda acrescenta que os surdos, durante muitas décadas, enfrentaram barreiras comunicativas em decorrência do não reconhecimento de sua língua que era vista como uma forma incompleta de comunicação, comparada aos gestos, mímicas e não como um sistema linguístico eficaz.

Apenas em 2002, com a Lei nº 10.436, a Libras é reconhecida como a língua dos surdos brasileiros. Logo depois, com o Decreto nº 5626/2005, há a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, e, posteriormente, no ano de 2006, segundo Quadros (2013), surge o primeiro curso de graduação em Letras Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Concomitante a isso, as pesquisas linguísticas da Língua Brasileira de Sinais tornam-se mais frequentes, tendo como finalidade a análise desta língua, e suas relações com a Linguística. Alguns autores, surdos e ouvintes, destacam-se com suas contribuições na área de Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais, dentre eles: Quadros e Karnopp (2004); Gesser (2012); Quadros (2019); e referente aos estudos da Toponímia em Libras destacam-se os estudos de Aguiar (2012); Souza Jr. (2012); Sousa e Quadros (2019a) e quanto à Antroponímia Souza e Gediel (2017); Barros (2018); Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2021); Rech e Sell (2020).

Nesse sentido, tendo em vista que o ato de nomear na Língua Brasileira de Sinais também é um campo de estudo da linguística e há poucos estudos na área da

antroponímia, surge um problema que deve ser analisado a partir da seguinte pergunta: considerando que no ato de nomear pessoas, os sujeitos surdos privilegiam os aspectos visuais (como características físicas e/ou comportamentais, por exemplo), como mostram os estudos de Barros (2018) e Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021), quais as motivações preponderantes refletidas nos sinais-nome?

A fim de delimitar o campo de estudo, propõe-se uma análise dos sinais antroponímicos sinais-nome em Libras que nomeiam alunos ouvintes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre, quanto aos aspectos motivacionais.

Partimos das seguintes hipóteses: a) Tendo em vista que os surdos são sujeitos essencialmente visuais e que no ato de nomear, essa característica é prioritária, a motivação preponderante será de natureza física do sujeito nomeado. Essa constatação, por exemplo, foi verificada em outros estudos como de Barros (2018), Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021) e Rech e Sell (2020); b) Quanto à formação do sinal-nome, prevalecerá a formação híbrida, na qual o sinal antroponímico utiliza a primeira letra do nome do sujeito nomeado taxa Empréstimo de Língua Oral (ELO) combinada com outra taxa.

Aqui, nosso principal objetivo foi analisar os sinais-nome dos ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre, quanto aos aspectos motivacionais. Para atingir esse intento, foi necessário: coletar os sinais-nomes dos alunos ouvintes do curso de Letras-Libras em ficha proposta por Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021) para, em seguida analisar os fatores motivacionais na criação dos sinais-nome, seguindo a proposta de Barros (2018). De posse dos dados, procedemos à quantificação dos resultados.

A presente pesquisa está dividida em 4 partes, além destas considerações iniciais: na primeira, apresentamos a fundamentação teórica na qual está ancorado este estudo; na segunda, descrevemos a metodologia utilizada; na terceira apresentamos a análise e os resultados; e, por fim fazemos as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Falar de minorias linguísticas na conjuntura social e política na qual o país se encontra é também um ato político. Vivemos em um país dominado por governantes que criam políticas excludentes, em que os grupos minoritários são os alvos, suas produções culturais e representações são sempre invisibilizadas e apagadas a todo custo. Com o povo surdo não é diferente, por séculos, tentam resistir perante uma sociedade que tem o ouvintismo<sup>1</sup> como padrão, nega tudo que é tratado como “diferente”, que exclui pessoas por conta da cultura, da língua(gem) e das identidades, na busca de um padrão cultural homogêneo. No entanto, padronizar uma cultura é algo impossível, assim como a língua, as pessoas são diversas e estão em constante mudança. Desse modo, suas culturas e identidades seguem o mesmo caminho. Um dos fatores culturais dos surdos é o ato de nomear pessoas sejam eles ouvintes ou não, essa nomeação possui uma determinada motivação que é a questão central desta pesquisa.

Ao longo dos anos, muitos linguistas dedicaram-se aos estudos das línguas orais nas suas diferentes áreas, como na sintaxe, morfologia, fonologia, semântica e pragmática. No Brasil não foi diferente, o português tem décadas de estudos que descrevem essa língua em todos os seus aspectos já as línguas visuais-espaciais, por conta do seu reconhecimento tardiamente, enquanto língua, tem estudos mais recentes a partir da década de 60 com os estudos de Stokoe descrevendo a Língua de Sinais Americana (ASL). Ele descobre os três primeiros parâmetros: Configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), servindo futuramente como norteador para o reconhecimento das estruturas gramaticais de outras línguas como é o caso da Libras.

Os estudos lingüísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe (1960). Este autor apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana revolucionando a lingüística na época, pois até então, todos os estudos lingüísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas. Pela primeira vez, um lingüista estava apresentando os elementos lingüísticos de uma língua de sinais (QUADROS; PIZZIO, REZENDE, 2009, p. 16-17).

---

<sup>1</sup> Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (SKLIAR, 2016, p. 15).



Os estudos linguísticos da Libras no Brasil, eram realizados antes mesmo da Lei nº 10.436/2002 de acordo com Quadros (2013) os precursores foram Ferreira Brito (1984, 1990, 1993, 1995); Berenz e Ferreira Brito (1987); Berenz (1996); Karnopp (1994, 1999); Quadros (1997) dentre outros. No decorrer dos anos muitas pesquisas foram realizadas por surdos e ouvinte nos diversos campos de estudos da linguística. Porém, muitos estudos concentram-se na descrição sintática, na aquisição da linguagem, como por exemplo, os livros de Quadros (2017; 2019), e poucos no estudo do léxico.

O presente estudo está relacionado à área do léxico, mais especificamente, ao léxico onomástico em Libras. Desse modo, discorreremos, nesta seção, sobre o ato de nomear e a constituição do léxico, sobre a Onomástica como disciplina linguística e, dentre dela, da Antroponímia em Libras e, por fim, trataremos das relações de iconicidade inerentes às línguas de sinais.

## **2.1 Considerações sobre o léxico e o ato de nomear**

A língua(gem) verbal é uma capacidade única do ser humano que ao longo do tempo foi se desenvolvendo. É através do léxico "conjunto de palavras de uma língua [...]" (BIDERMAN ,1998, p. 585) que conseguimos nos comunicar uns com os outros e transmitir toda a ação produzida pelo homem, seja ela linguística, cultural, social ou histórica.

É a partir da palavra que nomeamos e damos significado a tudo que nos rodeia, para Biderman (1998) criamos uma espécie de categorias.

Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (BIDERMAN, 1998, p. 88).

Essas categorias não são imutáveis, sofrem alterações e modificam-se, o que significa dizer que o léxico está em constante evolução. Todos os dias surgem neologismos<sup>2</sup>, a era tecnológica contribuiu significativamente para o surgimento de

---

<sup>2</sup> Neologismo é uma “[a]ncepção nova introduzida no vocabulário de uma língua em uma dada época (MATORÉ, 1953 apud ROMERO; CAMBRAIA, 2015, p. 76).

novas palavras e a difusão destas em tão pouco tempo. Sem nos darmos conta, palavras são substituídas por outras e passamos a usá-las como é o caso das gírias, por exemplo, muito recorrente entre os jovens.

Ao categorizarmos um determinado objeto, diferentes critérios são utilizados por nós falantes de uma determinada língua. Pode ser um significado que esse objeto representa ou a maneira como é utilizado. Desse processo de categorização surgem os vocabulários das línguas naturais, são todas as palavras/termos utilizados por falantes de uma determinada língua que expressam todo acervo cultural de um povo e que vai sendo transmitido de geração em geração.

[...] o vocabulário não é criado (ou recriado) pelo indivíduo, mas que ele é adquirido através do processo social da educação. De fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Nessa aprendizagem o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade (BIDERMAN, 1998, p. 104).

É através da língua que as novas palavras são transmitidas aos seus usuários futuros e conseqüentemente sendo incorporada no léxico.

Na Língua Brasileira de Sinais o léxico compreende todos os sinais produzidos por seus sinalizantes (QUADROS; KARNOPP, 2004). Gesser (2009) aponta que por muitos anos as línguas de sinais não eram consideradas uma língua, pois acreditava-se que elas eram apenas gestos mímica, pantomina e não possuía uma gramática. Mas precisamos entender as diferenças de tais conceitos e os sinais/léxico.

Gesto: movimento espontâneo, voluntário ou involuntário, do corpo, especialmente das mãos, braços e cabeça que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo. O gesto é igualmente uma forma de dar ênfase ao discurso na interação comunicativa dos interlocutores.

Mímica: arte de exprimir os pensamentos e sentimentos, imitar seres e representar objetos por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas. O mímico é o artista que comunica e se faz entender por meio da mímica sem fazer uso da fala. Pantomima: é um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos. É a arte de narrar com o corpo. É uma modalidade cênica que se diferencia da expressão corporal e da dança, basicamente é a arte objetiva da mímica, sendo um excelente artifício para comediantes, cômicos, palhaços, atores e bailarinos.

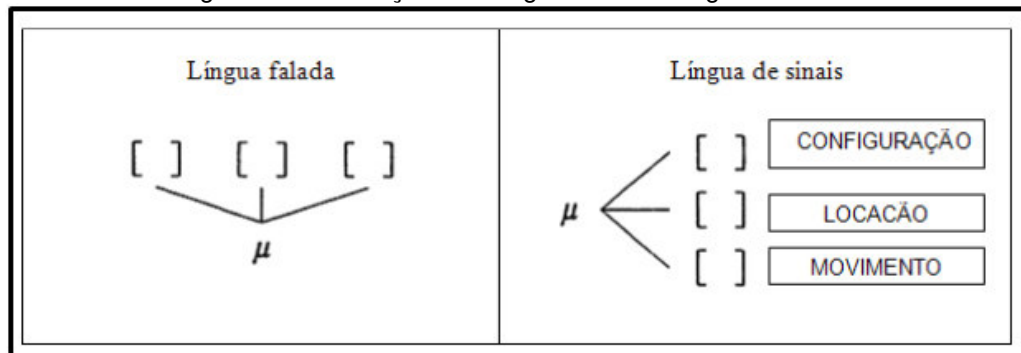
Sinal: é o signo linguístico na língua de sinais, o qual contém uma unidade de informação convencionada por meio gestual pela comunidade surda e que serve para comunicar algo a alguém. Assim, o sinal se difere do gesto espontâneo pelo seu caráter de código compartilhado e estruturado em uma língua (FERREIRA *et al*, 2011, p. 13).

Assim, podemos dizer que gesto e sinal são completamente diferentes. Enquanto o gesto é algo espontâneo, usado como um recurso que complementa o discurso, o sinal é um signo linguístico, convencionado em uma dada língua visual-espacial.

Além disso, Quadros (2019) acrescenta que Stokoe também atribuiu novos termos para a fonologia da Língua de Sinais por ele estudada, a Querologia seria a fonologia e os Queremas os fonemas. Entretanto, os termos não são mais usados permanecendo as terminologias Fonética e Fonemas. Logo em seguida, na década de 70, os linguistas Robbin Battison, Edward S. Klima e Ursulla Bellugi aprofundam os estudos e identificaram mais um parâmetro, a Orientação (O).

Zancanaro-Júnior (2013) explicita uma das principais diferenças entre as línguas orais e línguas de sinais. Nas línguas de sinais a estrutura é simultânea, ou seja, os fonemas se unem e formam o sinal, já nas línguas orais há uma ordem linear, no uso do aparelho fonador, o ar passa pela laringe, nariz e boca. Vejamos essa diferença entre as duas línguas:

Figura 1 – Diferença entre língua falada e língua de sinais



Fonte: Zancanaro-Júnior (2013, p. 45)

Notemos que as línguas faladas obedecem a uma ordem sequencial como se fosse um bloco por vez até formar o todo, enquanto que as línguas de sinais tudo acontece simultaneamente, os parâmetros não obedecem a uma ordem específica.

Também é importante ressaltarmos que no Brasil a Libras só ganha reconhecimento legitimado com a Lei 10.436/2002, conforme disposto em sua norma inicial: “Art. 1o - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. O que significa dizer que a Libras possui estrutura fonética, fonológica, morfológica, semântica, pragmática e sintática, assim como qualquer língua oral.

Sendo o léxico todo esse conjunto de palavras e signos de uma língua, seja ela oral ou visual-espacial, há na linguística uma área destinada especificamente ao estudo dos nomes próprios, a Onomástica que será estudada no tópico seguinte.

## **2.2 A Onomástica e a Antroponímia**

Nomear é algo que sempre fez parte das nossas vidas, ao longo do tempo com a necessidade de comunicação fomos nomeando o que estava ao nosso redor, pessoas, lugares, coisas.

A Onomástica destina-se aos estudos dos nomes próprios de maneira geral (DICK, 1990; SOUSA; DARGEL, 2017) e possui duas subáreas principais: a Toponímia e a Antroponímia – “A primeira tem como foco os nomes de lugares, como de rios, mares, cidades, ruas, estados etc.; e a segunda preocupa-se apenas com os nomes de pessoas (nomes, sobrenomes, apelidos)” (PEDRASSANI; ECKERT; RÖHRIG, 2018, p. 297).

A presente pesquisa tem foco nos estudos Antroponímicos em Língua Brasileira de Sinais, ou seja, os sinais-nome dados as pessoas ouvintes. Biderman (1998, p. 82) diz que “[...] o homem primitivo considera seu nome como parte vital de seu próprio ser” e desde as sociedades arcaicas o nome de um rei, um chefe de estado ou pessoas sagradas não era revelado a todos e por isso usavam um segundo nome para poder ser chamado pelos demais na sociedade, havia um misticismo em torno dos nomes das pessoas, temiam bruxarias e feitiços caso descobrissem seu nome verdadeiro. A autora ainda acrescenta que os egípcios também ganhavam dois nomes, o nome pequeno e o nome grande, o pequeno seria o nome social e o grande o real.

Os nomes fazem parte da cultura de um povo, indicam acontecimentos históricos, crenças, ideologias. Conforme (BIDERMAN, 1998, p. 81) é “[...] a palavra é a pedra de toque da linguagem humana”, consoante a isso (SOUSA; DARGEL, 2017, p. 10) ainda acrescentam:

A linguagem, assim, é o mecanismo pelo qual a cultura sobrevive, e é, ao mesmo tempo, o alimento, o condicionante, a marca, o resultado, ou seja, um produto cultural construído por intermédio da cristalização de uma língua em uma sociedade.

Dick (1990, 1992) explica que o estudo dos nomes próprios de pessoas mostra-se como uma marca da cultura, história e identitária de um povo, uma vez que, alguns nomes são escolhidos pelos pais porque marcam uma determinada época, pode ser influência de um filme, de uma pessoa com prestígio social, artistas, dentre outros.

No caso dos surdos essa marca cultural e identitária é muito latente, pois nomeiam a partir do visual, por conta da sua especificidade linguística. O ato de nomear (batismo) já faz parte dessa cultura como um “ritual sagrado”. Ao sermos inseridos na comunidade surda<sup>3</sup>, começamos a compartilhar também da sua cultura e vice-versa. O batismo é o momento em que surdos e/ou ouvintes ganham um sinal do seu nome próprio e a partir disso é reconhecido por esse sinal, é como se uma nova identidade fosse agregada a sua, afinal ganha um novo nome, um sinal-nome.

Vale ressaltar que qualquer pessoa pode ganhar um sinal-nome, mesmo não fazendo parte da comunidade surda ou não utilize a Libras como língua de comunicação e interação.

[...] os sinais-nomes também podem ser dados a qualquer pessoa que, mesmo não interagindo diretamente com essa comunidade, necessite ser sistematicamente referenciada, como por exemplo, presidentes de países, atores, pessoas de destaque local, nacional ou internacional, e até mesmo personagens fictícios, como os de histórias em quadrinho (BARROS, 2018, p. 41).

Além disso, Souza e Gediel (2017) explicam que nomear alguém na comunidade surda é um ato prioritário dos surdos, como forma de respeito à sua cultura, história e identidade, sendo também feito por surdos que na maioria das vezes são mais conhecidos pela comunidade.

O ato de nomear também é um traço sociocultural, uma vez que aparentemente, não há uma regra estabelecida para todas as nomeações, mas está de acordo com sua realidade social, o lugar que está inserido, a região, cidade e escolarização.

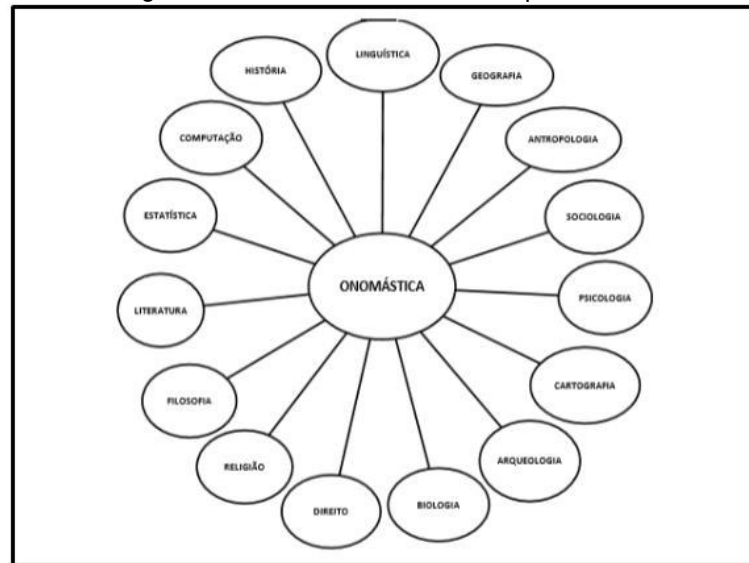
[...] os sinais próprios também estão relacionados às mudanças sociais e à forma como estas são impressas nas práticas comunicativas, e os autores refletem sobre as normas de linguagem a partir de uma perspectiva sociocultural. Assim, as normas estão de acordo com a realidade social, com os símbolos demarcadores da identidade de grupo e com as convenções comunicativas estabelecidas por ele (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 167).

---

<sup>3</sup> A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros (STROBEL, 2009, p.06).

Por fim, também podemos dizer que a Onomástica se materializa nas diversas esferas sociais, quando nomeamos pessoas, ruas, bairros, rios, pontos turísticos. Nomear não é um aspecto meramente linguístico, mas sim interdisciplinar na medida em que tem relação com outras áreas.

Figura 2 – Onomástica e Interdisciplinaridade



Fonte: Sousa e Dargel (2017, p. 12)

Como podemos observar na figura, a Onomástica não caminha sozinha, possui uma ligação direta com outras as áreas, afinal tudo tem um nome e termos específicos. Na literatura, por exemplo, temos a Onomástica Ficcional em que podemos estudar o que motiva os nomes próprios dos personagens de um romance. [...] “a onomástica ficcional tem como campo de interesse a análise dos nomes dos personagens das obras literárias, além de haver uma parte dedicada às obras audiovisuais, como o cinema e a televisão” (ECKERT; RÖHRIG, 2016, p. 177). Assim, infere-se que a Onomástica também é extralinguística seja ela, sincrônica ou diacrônica como aponta os autores.

### 2.3 Estudos antroponímicos em línguas de sinais

Podemos afirmar que os estudos antroponímicos, no Brasil, iniciam com Souza e Gediel (2017) que pesquisaram os sinais-nomes dados por surdos durante o ano de 2013 e 2014 em uma cidade da Zona da Mata Mineira. As autoras selecionaram o

*corpus* de sua pesquisa identificando os surdos que mais nomeavam naquela comunidade, posteriormente os identificando como surdos líderes, em seguida partiram para observação em campo. “As entrevistas com os Surdos líderes possibilitaram analisar os sinais próprios e perceber as modificações linguísticas de cada um deles” (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 173).

Além das características linguísticas analisadas pelas autoras, elas também tinham como foco demonstrar como o ato de nomear é um traço cultura da comunidade surda.

[...] procuramos descrever o modo como os Surdos líderes compreendem a ação de nomear, como o fazem e qual o significado dessa ação para eles. O processo de nomeação confere uma identidade sociocultural à pessoa Surda, que (re)afirma e demarca uma localização desta no campo discursivo (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 174)

Observa-se que o foco das autoras era analisar tanto quem nomeava (os surdos) quais critérios utilizavam e também os nomeados, quanto a estrutura desse sinal, qual motivação era predominante. Além disso, detectar se havia variação no ato de nomear entre esses os surdos. Para isso partiram de tais questionamentos:

1) qual-primeiro-contato libras? 2) como-você-dar-sinal-pessoa?3) pode-sinal-pessoa-ter-letras português? 4) pode-transformar-sinal? pode-tirar-letra-português? 5) qual-sinal-surdo-você conhece? 1) seu-sinal? 2) por-que-seu-sinal? quem- deu-sinal?3) onde-você- aprender - libras? como-você- aprender-libras? 4) você-conhecer-ministério surdos? qual- sua-opinião? 5) onde-encontrar-surdos- viçosa? (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 173)

Após a pesquisa verificaram que a nomeação compreende três etapas: percepção dos indivíduos, interação social e atribuição de significado. E Quanto mais tempo de convívio entre surdos e ouvintes menos se utiliza da datilologia ou empréstimo do português. Também detectaram diferenças marcadoras entre sinais masculinos e femininos, alguns surdos preferem fazer a nomeação de acordo com uma característica física do sujeito nomeado, outro não ver problema em utilizar empréstimo do português. Por fim, perceberam que nos sinais-nome a Configuração de Mão (CM), Locação (L) e o Movimento (M) são os parâmetros que mais estão relacionados com a característica física ou comportamental.

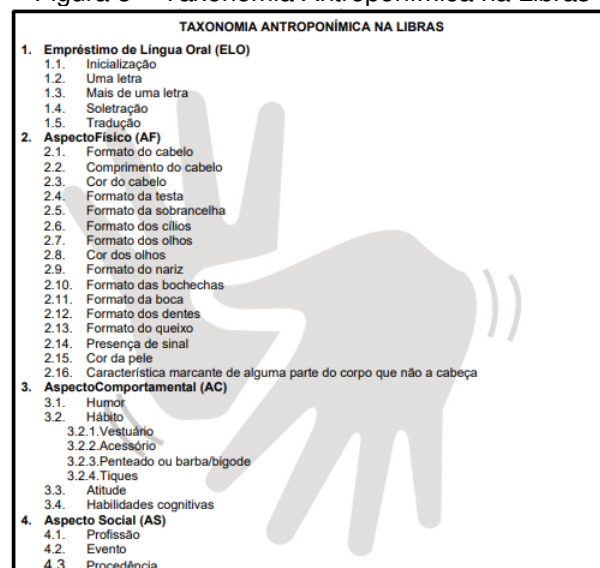
No ano seguinte, Barros (2018) elaborou uma proposta metodológica de pesquisa Antroponímica em Libras. No seu estudo, a pesquisadora coletou 113 sinais de surdos e ouvintes na Universidade Federal de Goiás, investigando principalmente

qual a motivação preponderante na criação do sinal. Nesse estudo, a autora propõe uma taxonomia antroponímica, identificando quais elementos constituem os sinais, descreve e os agrupa em categorias, além de compreender sua estrutura morfossemântica constitutiva, também estabelece quatro taxes. “Empréstimo de Língua Oral (ELO), Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC) e Aspecto Social (AS), cada taxe comporta diversas subtaxes” (BARROS, 2018, p. 11).

As taxes, subtaxes e infrataxes são organizadas hierarquicamente “dispostas em termos de filiação e suas características podem ser melhor e mais rapidamente identificadas” (BUGUEÑO, 2014 apud BARROS, 2018).

De acordo com a autora, a taxe (ELO) corresponde ao empréstimo linguístico de uma língua oral, no caso da Libras, o português, a taxe (AF) refere-se a algum Aspecto físico do nomeado, a taxe (AC) está ligada ao comportamento do sujeito, normalmente agregadas à questão do humor e a taxe (AS) refere-se às práticas sociais, como a profissão, por exemplo. Dentro de cada taxe há subtaxes que categorizam mais especificamente a relação semântica motivacional do sinal-nome como podemos verificar na figura:

Figura 3 – Taxonomia Antroponímica na Libras



Fonte: Barros (2018, p.12)

Após a análise, a autora chegou às seguintes conclusões:

A maioria dos sinais-nomes analisados em nossa pesquisa apresentou uma combinação das taxes, Empréstimo de Língua Oral (ELO) e Aspecto Físico (AF). No entanto, a taxe ELO foi encontrada também combinada às demais taxes, Aspecto Comportamental (AC) e Aspecto Social (AS). Todas as quatro




taxes foram encontradas isoladamente nos sinais, porém, em menor número do que combinadas (BARROS, 2018, p. 22).

Dessa maneira, observa-se que a comunidade pesquisada se utiliza na maioria das vezes pelo empréstimo da língua portuguesa (ELO) combinado com a *taxe* (AF). O que possivelmente se explica pelo fato de que a cultura surda e ouvinte estão interligadas e também pelo fato visual-espacial da língua de Língua Brasileira de Sinais.

Uma outra pesquisa foi realizada por Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2021) que analisaram os sinais-nome na cidade de Florianópolis com base na proposta de Taxonomia Antroponímica de Barros (2018). Os autores utilizaram 34 entrevistas de surdos constantes do Inventário de Libras do projeto Corpus/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os pesquisadores adaptaram a ficha catalográfica de Barros (2018) para uma melhor análise do *corpus*, como é possível visualizar na Figura 4, a seguir.

Figura 4 – Ficha antroponímica

Antropônimos em Libras – Sinais-Nomes da Grande Florianópolis	
Nome em Português	Karine
Sinal-nome em Libras <i>SignWriting</i>	
<b>Taxe</b>	Aspecto Comportamental (AC)
Subtaxe	Hábito ( <i>infrataxe</i> : vestuário)
Outras observações	Ano da entrevista: 2014. Grupo etário do informante: G1
Fonte	Id dado 322. <a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Invent%C3%A1rio%20Libras">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Invent%C3%A1rio%20Libras</a>
Pesquisadores responsáveis	Alexandre Melo de Sousa Gláucia Caroline Silva de Oliveira José Sinésio Torres Gonçalves Filho
Data da coleta	02 de julho de 2019.

Fonte: Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021, p. 10)

A conclusão que os referidos pesquisadores chegaram difere dos estudos de Barros (2018), sendo a *taxe* (AF) a mais predominante e também não houve um número maior de diversidade de *taxes*, os autores inferem que tal resultado se deu pelo número de sinais-nome coletados por eles, em um total de 34.

Oliveira, Sousa, Gonçalves-Filho e Stumpf (2020) realizaram um estudo com os sinais-nome de surdos constantes no Inventário de Libras de Florianópolis a fim de verificar a utilização da escrita de sinais (SinWriting) para o registro das referidas nomeações.

Por fim, outra pesquisa relevante na área da antroponímia em Libras foi a de Rech e Sell (2020), elas analisaram os sinais-nomes de autores e pesquisadores do Manuário Acadêmico e Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Elas também utilizaram a proposta de pesquisa de Barros (2018). Os resultados foram de encontro com a pesquisa de Sousa; Oliveira, Filho e Quadros (2021) em que a taxa mais encontrada foi a (AF) e já nos estudos de Barros (2018) a taxa que mais predominou foi a (ELO+AF). Para as autoras, essa divergência de resultados se deu pelo público-alvo investigado, enquanto elas analisaram sinais-nomes de autores e pesquisadores, Barros (2018) teve como *corpus* surdos e ouvintes de uma Instituição de Ensino Superior (IES).

[...] nas respostas oferecidas pelas pesquisadoras do INES, foi informado que fotos dos autores/pesquisadores foram utilizadas no momento da atribuição dos sinais de nomes. Assim, com base baseado nas duas pesquisas, parece razoável inferir que aspecto físico é um fator motivante para os sinais de nomes, mas quando os sujeitos surdos não têm muitas informações biográficas a respeito dos indivíduos nomeados, e são expostos a imagens, tendem a atribuir sinais de nomes baseados em suas características físicas (RECH; SELL, 2020, p. 10).

Diante disso, observa-se que quatro das cinco pesquisas supracitadas foram realizadas com os mesmos propósitos: o de descobrir qual a motivação dos sinais-nome, utilizaram-se de taxonomia antroponímica, método proposto por Barros (2018) mas em regiões brasileiras distintas, contextos socioculturais diferentes e público-alvo também diversificado, o que nos possibilita averiguar que a proposta da pesquisadora se adequa aos diferentes contextos de pesquisas antroponímicas, inclusive a do presente projeto.

## **2.4 A iconicidade nas línguas de sinais**

Os ícones são os signos linguísticos que estabelecem uma relação de semelhança com a realidade exterior (ou seja, com seu referente) (DUBOIS et al, 1973, p. 328). A iconicidade, portanto, constitui uma relação direta entre a forma

linguística e seu referente. Estudos sobre as línguas de sinais têm mostrado que a iconicidade é uma característica muito marcante nas línguas de sinais (TAUB, 2001; PERNISS, 2007), sendo, inclusive, considerada uma estrutura partícipe das línguas de modalidade visual-espacial.

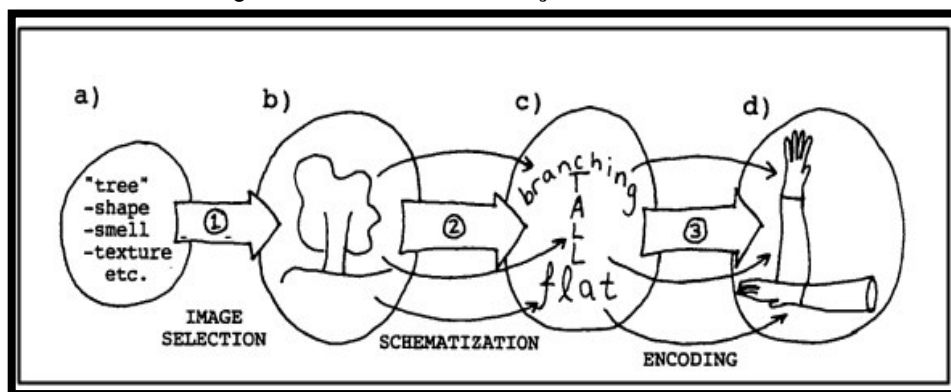
Perniss (2007) explica que a modalidade em que as línguas de sinais são produzidas (no espaço tridimensional) favorece que as relações entre os articuladores (configurações, movimentos) se estabeleçam com seus referentes. Desse modo, a iconicidade pode ser verificada em vários níveis linguísticos das línguas sinalizadas (embora nem sempre as relações icônicas sejam as mesmas em todas as línguas).

Segundo Quadros (2019), a iconicidade pode ser definida como:

[...] um termo usado em referência a sinais que apresentam motivação icônica, ou seja, que remetem às formas e modos do mundo real e são representados de forma visualmente semelhante ao que está sendo referido. É uma representação mais direta do mundo real [...] (QUADROS, 2019, p. 24).

Taub (2001), por exemplo, demonstrou a produção de sinais icônicos a partir de três etapas: a) seleção de imagem (*image selection*): que constitui o momento da escolha de uma imagem representativa do referente; b) esquematização (*schematization*): que constitui o momento da reformulação da imagem representativa do referente, com base em suas características mais relevantes e possíveis de serem estruturadas foneticamente e semanticamente; codificação (*encoding*): constitui o momento materialização do sinal propriamente dito, forma linguística, ou seja, do sinal. Esse processo pode ser visualizado na imagem a seguir:

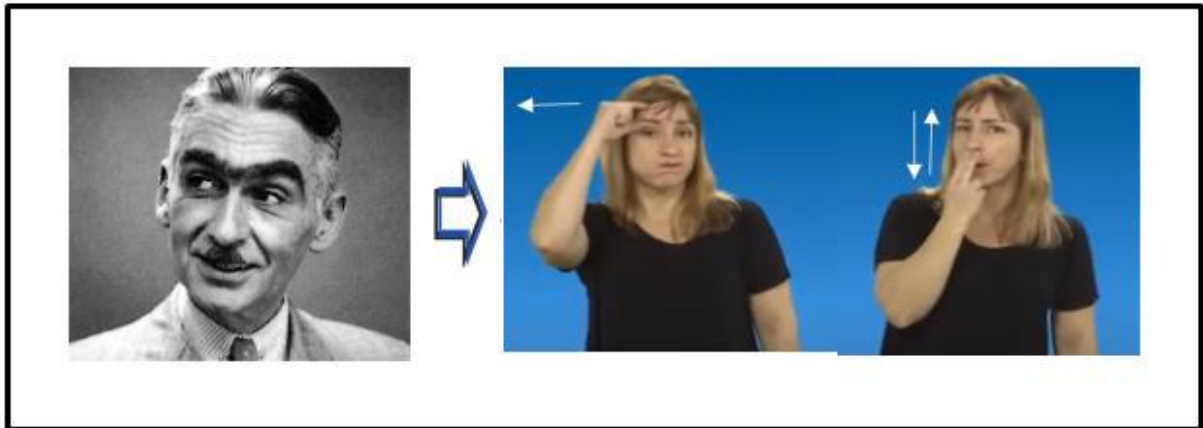
Figura 5 – Processo de criação do sinal icônico



Fonte: Taub (2001).

Nos sinais-nome observa-se a predominância dos sinais icônicos, principalmente na taxa Aspecto Físico (AF), cuja motivação do surdo no ato de nomear pode ser as subtaxes do formato do cabelo, se é liso ou cacheado, formato da testa, olhos, nariz e boca, ou seja, uma característica física do sujeito motiva o surdo ao nomear. Vejamos o exemplo do sinal-nome do escritor brasileiro Monteiro Lobato:

Figura 6 – Sinal-nome icônico, taxa AF

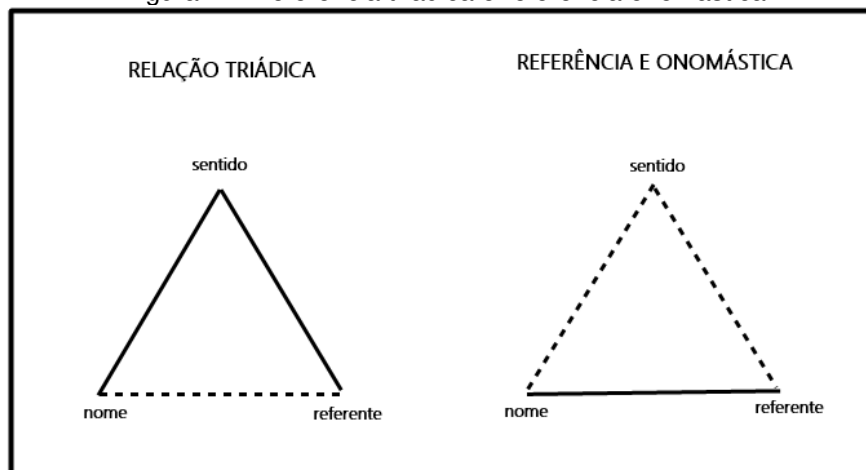


Fonte: Adaptado do manual acadêmico e escolar -INES.

É possível observarmos que a taxa que motivou o sinal-nome do autor foi o aspecto físico, com as subtaxes do formato da sobrancelha grossa e bigode.

Além disso, Seabra (2006) explica o triângulo de Ogden e Richards (1923) e Ullmann (1957) aplicado a Onomástica, principalmente quando a língua é estudada sob o viés social, os nomes próprios sejam de lugares ou de pessoas não passam pelo sentido, mas seguem diretamente ao referente.

Figura 7 – Referência triádica e referência onomástica



Fonte: Seabra (2006, p. 1955)

Assim, podemos deduzir que a iconicidade é uma das características principais no ato de nomear na Língua Brasileira de Sinais, tendo em vista que a língua é visual-espacial e surdos ao nomear pessoas se valem de características inerentes ao sujeito que será nomeado. Ou seja: o signo linguístico (sinal-nome) tem relação direta com seu referente. Oliveira (1996 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 1955) acrescenta que “dentro dessa “teoria causal da referência [...] o nome próprio é um “designador rígido”, pois designa um indivíduo de uma maneira única e direta”.

Como lembra Sousa *et al* (2021):

[...]a experiência visual do surdo se projeta nos articuladores, como forma esquemática do referente prototípico, a partir da combinação de parâmetros, cujas configurações de mãos e movimentos, na maioria das vezes, representam os aspectos mais relevantes na codificação do item lexical [...] (SOUSA et al, 2021, p. 94).

Desse modo, percebemos que, como bem destacou Perniss (2007), A base para um signo icônico é a imagem prototípica do referente que representa. Esse é um dos aspectos que pretendemos observar nas análises dos sinais-nomes selecionados para esta pesquisa.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para alcançarmos os objetivos iniciais dessa pesquisa, alguns procedimentos metodológicos foram adotados. Quanto aos objetivos a presente pesquisa se caracteriza como descritiva uma vez que, nas palavras de Gil (2002):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis[...] Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc (GIL, 2002 p. 42).

Dessa forma, o presente estudo consiste em analisar os aspectos motivacionais nos sinais-nome de alunos ouvintes do Curso de Letras Libras da UFAC, classificando-os com base na proposta de Barros (2018). Faremos, ainda, uma divisão dos sinais-nome por gênero masculino e feminino, com o intuito de analisar se há a preponderância de taxes específicas quando se nomeia homens e mulheres.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa de natureza aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Quanto a abordagem é quali-quantitativa, pois além de analisarmos os sinais, também será elencado quantitativamente o número de taxes e subtaxes.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

Sobre a pesquisa quantitativa ela é mais objetiva e tem como foco a quantidade.

A pesquisa quantitativa pretende e permite a determinação de indicadores e tendências presentes na realidade, ou seja, dados representativos e objetivos, opondo-se à ciência aristotélica, com a desconfiança sistemática das evidências e experiência imediata. Seu eixo central é a materialização físico-numérica no momento da explicação, com uma desvalorização da subjetividade e da individualidade (MUSSI; MUSSI; ASSUNÇÃO; NUNES, 2019, p. 418-419).

Referente aos procedimentos será documental, este “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa [...] na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas” (GIL, 2002, p. 47). Assim, como instrumento de coleta de dados realizamos entrevista semiestruturada aplicando a ficha catalográfica antroponímica proposta por Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021) aos alunos ouvintes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre. Analisamos, ainda, os vídeos dos participantes e preenchemos as fichas antroponímicas para melhor catalogar e organizar os dados

Foram utilizadas as seguintes diretrizes: primeiramente selecionamos 10 homens e 10 mulheres com faixa etária diferente a partir do 3º período, considerando que no momento da pesquisa os períodos eram ímpares e também optamos por esses alunos, pois já possuíam um sinal-nome efetivado.

Em seguida, realizamos as entrevistas semiestruturadas através de plataformas virtuais de vídeo como: Zoom, Google Meet ou WhatsApp. Com as seguintes perguntas: 1-Qual o seu nome? 2-Período que estuda? 3-Qual o seu sinal em Libras? 4-Qual o motivo do seu sinal? 5-Em que contexto, você recebeu esse sinal, quanto tempo de contato com o surdo? As entrevistas foram gravadas, com termo de consentimento assinado pelos informantes.

Em seguida, gravamos todos os sinais-nome. Cada vídeo contém o primeiro nome do participante em datilologia e, em seguida, o sinal informado por ele. Os vídeos foram armazenados no YouTube, com link privado, tal como listados a seguir:

Tabela 1 – Sinais-nome – dados da pesquisa

<b>SINAL-NOME</b>	<b>LINK</b>
ANTÔNIA	<a href="https://youtu.be/II9LLb3FbWg">https://youtu.be/II9LLb3FbWg</a>
CRISNANDA	<a href="https://youtu.be/SlyqCod9sjk">https://youtu.be/SlyqCod9sjk</a>
CRISTIANE	<a href="https://youtu.be/unuJyACE3WE">https://youtu.be/unuJyACE3WE</a>
DANIELLE	<a href="https://youtu.be/25ghM90A4Vw">https://youtu.be/25ghM90A4Vw</a>
JERLIANE	<a href="https://youtu.be/WM8CY-Bm4Nw">https://youtu.be/WM8CY-Bm4Nw</a>
MARIA1	<a href="https://youtu.be/eCSHVLmDhOQ">https://youtu.be/eCSHVLmDhOQ</a>
MARIA2	<a href="https://youtu.be/mkjE5I0W5Jo">https://youtu.be/mkjE5I0W5Jo</a>
MARIZETE	<a href="https://youtu.be/CcYZt2Rnt00">https://youtu.be/CcYZt2Rnt00</a>
ROSÂNIA	<a href="https://youtu.be/GPKwJ0-Q13k">https://youtu.be/GPKwJ0-Q13k</a>
THALYA	<a href="https://youtu.be/SvhFs7ij7U0">https://youtu.be/SvhFs7ij7U0</a>
AMARILDO	<a href="https://youtu.be/pU-0GMopSTA">https://youtu.be/pU-0GMopSTA</a>

Continua.

Tabela 1 – Sinais-nome – dados da pesquisa

Continuação.

SINAL-NOME	LINK
ATAILTO	<a href="https://youtu.be/eZ1WfIOFYks">https://youtu.be/eZ1WfIOFYks</a>
CLEYTON	<a href="https://youtu.be/5dki_x2wr7A">https://youtu.be/5dki_x2wr7A</a>
FÁBIO	<a href="https://youtu.be/mBKDF2A5l8o">https://youtu.be/mBKDF2A5l8o</a>
FELIPE	<a href="https://youtu.be/af95lq2SRKo">https://youtu.be/af95lq2SRKo</a>
FERNANDO	<a href="https://youtu.be/aQVhYQRpXLs">https://youtu.be/aQVhYQRpXLs</a>
MATHEUS	<a href="https://youtu.be/aZ9YhIOzFoA">https://youtu.be/aZ9YhIOzFoA</a>
TIAGO	<a href="https://youtu.be/1GzPHVN2ppo">https://youtu.be/1GzPHVN2ppo</a>
VICTOR	<a href="https://youtu.be/IEHmGbLrFwM">https://youtu.be/IEHmGbLrFwM</a>
WESLEY	<a href="https://youtu.be/GoQMOmZXYx8">https://youtu.be/GoQMOmZXYx8</a>

Fonte: Elaborado pela autora.

Logo depois, preenchemos as fichas antroponímicas (Figura 4) que contém o primeiro nome do informante em português, o sinal-nome em escrita de sinais *SignWriting*, taxe, subtaxe, as informações do grupo pesquisado, fonte, pesquisador responsável e data da coleta.

Após essas etapas iniciais, analisamos os dados coletados com base nos fatores motivacionais que influenciaram o nomeador no ato do “batismo”. Será importante, ainda, verificar qual o contexto do recebimento do sinal de cada participante da pesquisa.



## 4 ANÁLISE E RESULTADOS

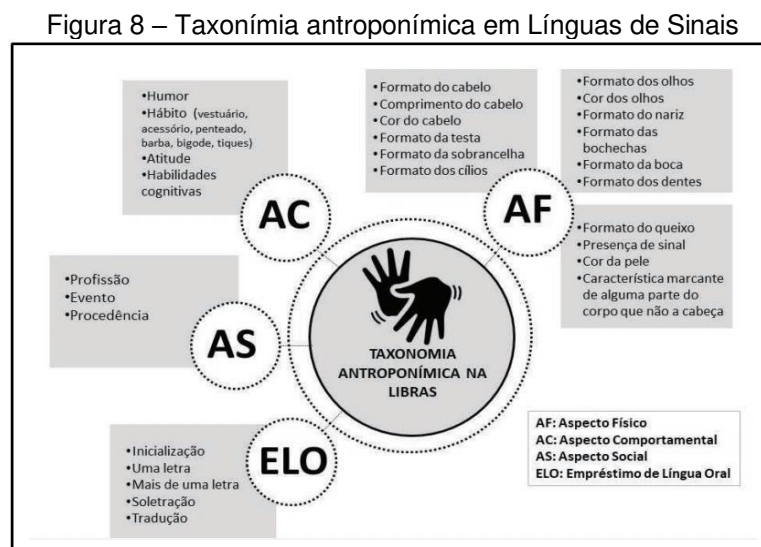
Nesta seção, trataremos da análise dos dados da pesquisa. Vale lembrar que os dados são constituídos por sinais-nomes de 20 alunos ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre, com matrícula ativa no ano de 2020-2021.

Os participantes da pesquisa são de ambos os sexos e distribuídos nas turmas de 3º, 5º e 7º períodos no ano de 2020-2021. As entrevistas individuais foram realizadas por meio da Plataforma *Google Meet*. Para todos/as eles/as foram feitas as seguintes perguntas:

- a) Qual seu nome?
- b) Qual período do curso de Letras Libras você está matriculado?
- c) Qual seu sinal em Libras?
- d) Qual o motivo desse sinal?
- e) Em que contexto, você recebeu esse sinal, quanto tempo de contato com o surdo?

Para preservar a identidade dos participantes – que assinaram Termo de Livre Esclarecido – utilizamos apenas o primeiro nome no preenchimento das fichas e, para armazenar os dados, todos os sinais foram filmados pela pesquisadora do presente estudo.

Como dissemos anteriormente, esta pesquisa objetiva analisar os sinais-nomes quanto à motivação. Para isso, utilizaremos a classificação proposta por Barros (2018), como mostra o esquema a seguir elaborado por Sousa *et al* (2021).

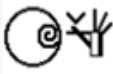



Fonte: Sousa *et al* (2021, p. 7) baseado em Barros (2018)

A proposta de Barros (2018) apresenta a categorização dos sinais em taxes e subtaxes a partir das relações motivacionais entre os sinais-nome e algum aspecto de ordem física, comportamental, social ou por empréstimo da língua oral. É possível, ainda, haver combinação entre mais de um desses aspectos.

Os dados extraídos das entrevistas e organizados para o presente estudo foram catalogados em fichas antroponímicas, conforme ilustrado a seguir:

Figura 9 – Ficha antroponímica preenchida

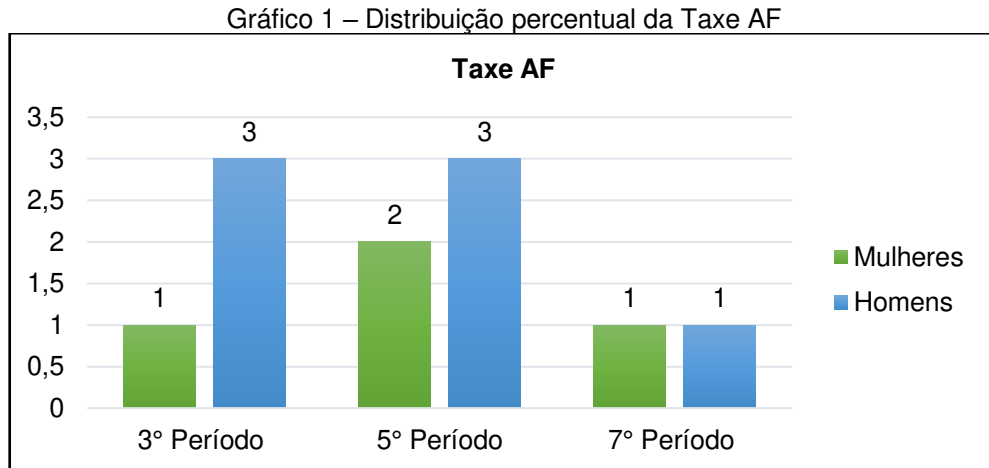
<b>Antropônimos em Libras: Sinais-nome dos ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre</b>	
Nome em Português	Fábio
<b>Sinal-nome em Libras</b> <u>SignWriting</u>	 
<b>Taxe</b>	Empréstimo de Língua Oral (ELO)+ Aspecto Físico (AF)
<u>Subtaxe</u>	Inicialização+ presença de sinal
Contexto de batismo	Individual
Tempo de contato com o surdo	2 meses
Outras informações	Informante: 7º período
Fonte	<a href="https://youtu.be/mBKDF2A5I8o">https://youtu.be/mBKDF2A5I8o</a>
Pesquisadora responsável	<u>Ketlen Cristina dos Santos Oliveira</u> <u>Menezes</u>
Data da coleta	08 de fevereiro de 2021.

Fonte: Elaborado pela autora.

De posse dos dados, e após classificarmos os sinais-nome, dividimos a análise partindo das taxes com maior ocorrência para a de menor somatória. Vale ressaltar que os dados foram agrupados por sexo – como poderá ser visualizado nos gráficos dos percentuais de ocorrências.

Nos dados analisados, a maior ocorrência foi de sinais com referência aos aspectos físicos (AF). Dos 20 sinais analisados, 11 tinham relação com alguma

característica física do sujeito batizado, o que correspondeu a 55%, como podemos visualizar no gráfico a seguir, organizado por períodos letivos:



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando observamos a distribuição por períodos letivos, vemos que o quinto período apresentou o maior quantitativo de taxes relacionadas ao aspecto físico (AF). Entre as mulheres as subtaxes do AF foram: formato de bochechas e formato de boca, dentre os homens características como: presença de sinal (alguma marca de nascença ou cicatriz) e formato do cabelo.

No terceiro período entre as mulheres a subtaxe encontrada foi a presença de sinal, e os homens formato de cabelo e presença de sinal. Já no sétimo período o quantitativo de mulheres e homens equivale ao mesmo número. Foram referenciados, nesse grupo, aspectos como formato das bochechas e formato do cabelo, respectivamente, nas escolhas dos sinais pelos surdos. Ilustraremos, a seguir, alguns exemplos de sinais classificados nessa categoria.

Figura 10 – Exemplos de sinais-nome taxe AF



Fonte: Elaborado pela autora.

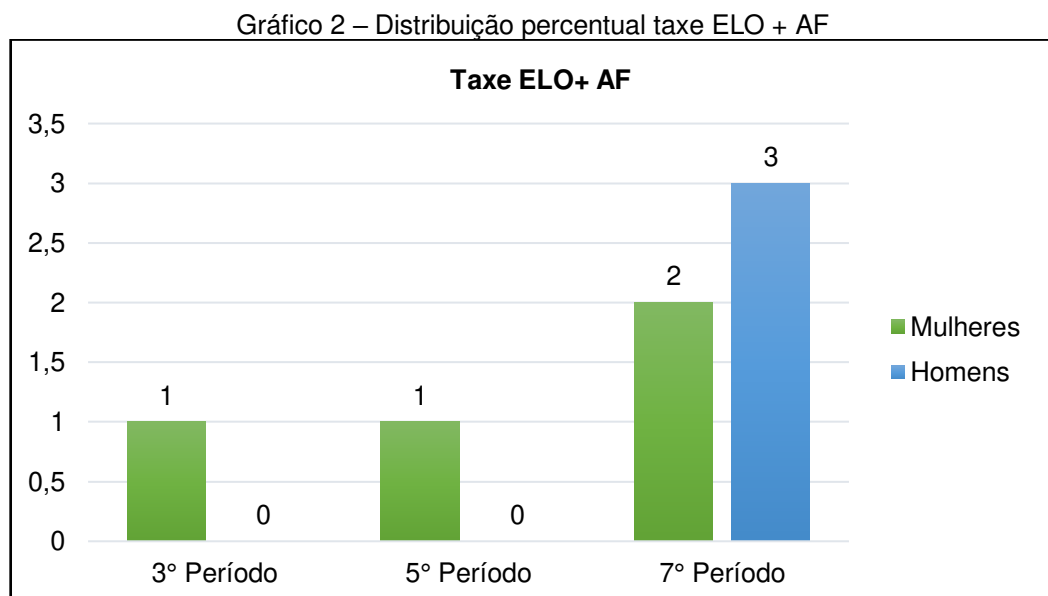
Os dados aqui apresentados vão de encontro com os resultados da pesquisa de Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021) quando analisaram os sinais-nome na cidade de Florianópolis; e de Rech e Sell (2020), que investigaram a motivação dos sinais-nomes de autores e pesquisadores do Manuário Acadêmico e Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Em ambas as pesquisas a taxa AF foi a motivação preponderante na criação dos sinais-nome.

Para Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2020), os aspectos físicos considerados pelos surdos no ato de nomear demonstra a importância da experiência visual. Já no caso de Rech e Sell (2020) o que justificou a prevalência de sinais motivados por aspectos físicos foi o fato de muitos surdos não conhecerem a biografia dos autores e pesquisadores.

Além disso, Barros (2018) diz que a escolha das taxas podem variar de acordo com a comunidade surda de cada país.

É importante lembrar que esses usos são compatíveis com a cultura da comunidade surda brasileira e que podem variar de acordo com a cultura de cada comunidade. Por exemplo, o uso da taxa Aspecto Físico no Brasil é bem aceito, e até desejado, portanto, é comum que ela seja incluída no sinal-nome de uma pessoa. Em outras culturas, pode ser que essa taxa seja evitada (BARROS, 2018, p. 60).

Vejamos, agora, o gráfico 2, a seguir, que apresenta a distribuição percentual da Taxe ELO + AF:



Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda taxa mais produtiva nesta pesquisa foi a junção do Empréstimo de Língua Oral e Taxa Aspecto físico (ELO+AF) representando 35%. O sétimo período apresentou um quantitativo maior com um total de cinco sinais motivados por ELO+AF, dentre estes, três homens e duas mulheres. Referente as subtaxas preponderantes, entre as mulheres no empréstimo de língua oral foi a inicialização e o aspecto físico, o formato das bochechas. Os três homens representantes do período tiveram como subtaxa predominante no ELO a inicialização e uma letra e no AF a presença de sinal.

A subtaxa inicialização, conforme Barros (2018), corresponde a primeira letra do nome ou sobrenome em português de quem foi batizado.

Inicialização: uso de configuração de mão que representa a letra inicial do nome da pessoa em língua oral, seja apenas do primeiro nome, ou de nome e sobrenome. Exemplos: configuração de mão em “M” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “Maria”; combinação das configurações de mão em “J” e “S” no sinal-nome da pessoa cujo nome é “José Silva”. (BARROS, 2018, p. 52).

Barros (2018) ressalta que a subtaxa uma letra, diz respeito a qualquer letra que não seja a inicial do nome da pessoa, ou seja, pode ser qualquer letra que conste no seu nome. No ato de nomear uma das primeiras perguntas que os surdos querem saber é o nome da pessoa em Língua Portuguesa o que pode indicar a influência ou não da língua oral na hora de nomear.

O quinto e terceiro período apresentaram o mesmo quantitativo, duas mulheres em cada, e as mesmas motivações, na taxa ELO a subtaxa inicialização e na taxa AF a subtaxa formato das bochechas.

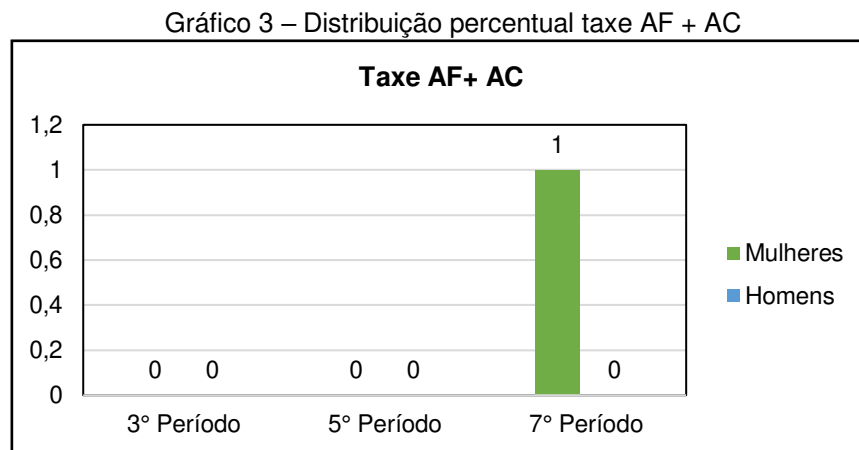
Souza e Gediel (2017, p. 177) questionam os surdos se no processo de nomeação pode se fazer uso de letra do português. Dentre os três surdos entrevistados pelas autoras um respondeu que faz uso da datilologia na formação do sinal-nome, para outro o uso da língua portuguesa deve ser arbitrário, ou seja, sem ter relação com o nome próprio do sujeito nomeado porque a Libras tem autonomia linguística.

Já o terceiro, respondeu que faz uso de alguma característica física mais uma letra do português que não tenha relação com o nome do sujeito. Assim, é notório que cada surdo pode adotar ou não o empréstimo de língua oral e que isso pode estar relacionada até mesmo a uma questão política cultural, pois observa-se que ao longo

dos anos os surdos mais jovens tendem a diminuir o uso do português ao nomear, e veem isso como uma forma de afirmação da Língua Brasileira de Sinais enquanto língua eficaz que não necessita de uma língua de “apoio”, o português. E quando utilizam a taxe ELO, na maioria das vezes é em combinação com outras taxes.

É válido acrescentar que esse tipo de influência da língua oral foi observado nos estudos de Sousa (2019, 2020) sobre os sinais que nomeias espaços geográficos, como cidades, bairros etc.

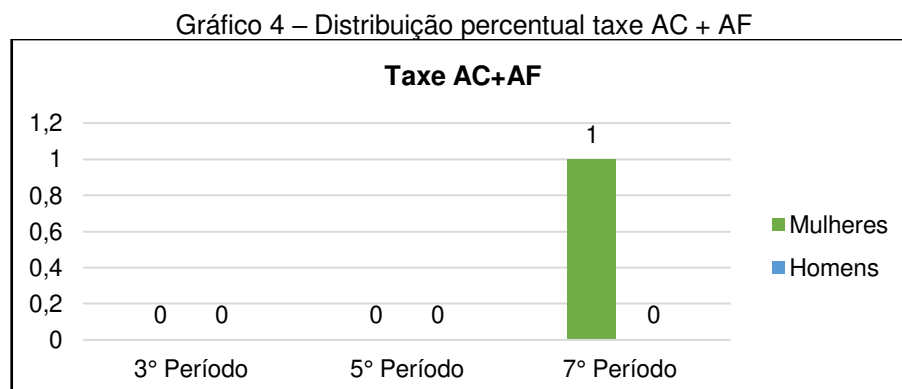
O gráfico a seguir, apresenta os números percentuais relacionados à combinação das taxes AF e AC:



Fonte: Elaborado pela autora.

A terceira taxe presente dentre os 20 entrevistados foi a taxe AF+ AC, com apenas uma mulher representando o sétimo período. Na Taxe AF a subtaxe foi o formato do cabelo e na taxe AC, subtaxe hábito e infrataxe acessório. Dentre todos os sinais pesquisados este é o único que apresentou infrataxe.

A seguir, apresentamos o gráfico referente à taxe AC combinada com a taxe AF.



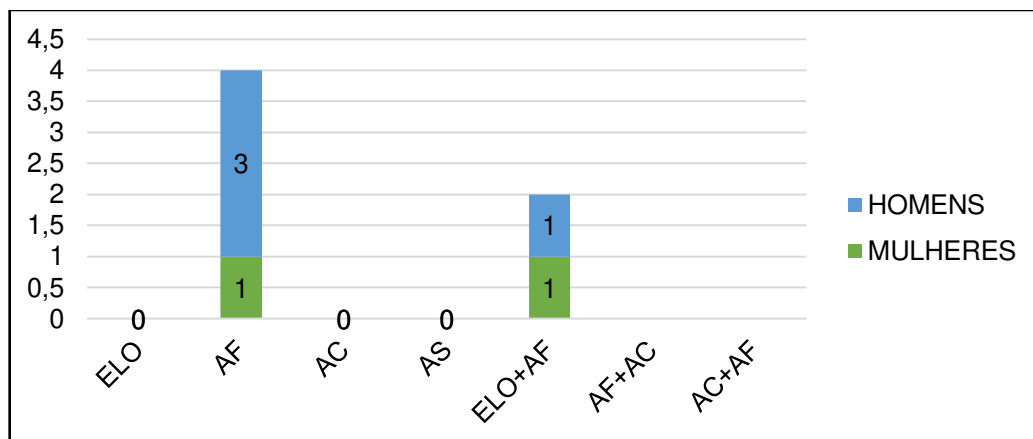
Fonte: Elaborado pela autora.

A quarta taxa AC+ AF foi a menos presente entre os informantes, assim como a terceira, com apenas uma mulher no sétimo período. O aspecto comportamental teve como subtaxa o hábito e infrataxa acessório e o aspecto físico o formato dos dentes.

Ao dividirmos entre a mais frequente e a menos frequente foi possível observarmos que a taxa AF esteve presente em todas as motivações, seja ela isoladamente com um maior percentual entre todas as motivações ou combinada com outras taxas.

Após a divisão de taxas com maior ocorrência para a de menor ocorrência. Foi realizado um panorama das taxas por período, para entendermos como a motivação estava sendo distribuída entre períodos diferentes, considerando que a maioria dos entrevistados, foram batizados pelo mesmo sujeito, nas turmas em que há surdos matriculados como por exemplo o quinto e sétimo período.

Gráfico 5 – Taxas do 3º Período

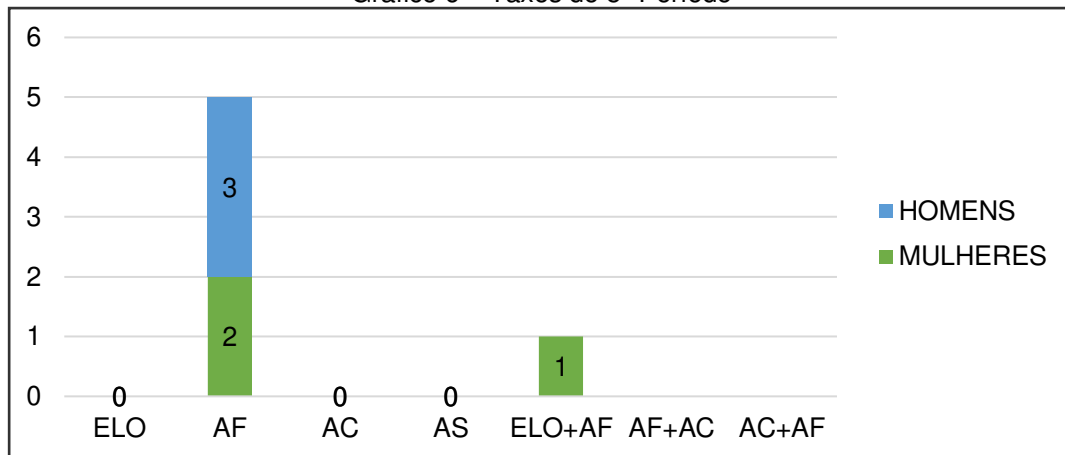


Fonte: Elaborado pela autora.

A taxa de maior ocorrência no terceiro período foram as de aspecto físico (AF) com três homens e duas mulheres e taxa de empréstimo de língua oral+ aspecto físico (ELO+AF) nos dados coletados não houve motivações de outras taxas.

Vejamos, então, como ocorre a distribuição no 5º período do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre;

Gráfico 6 – Taxes do 5º Período

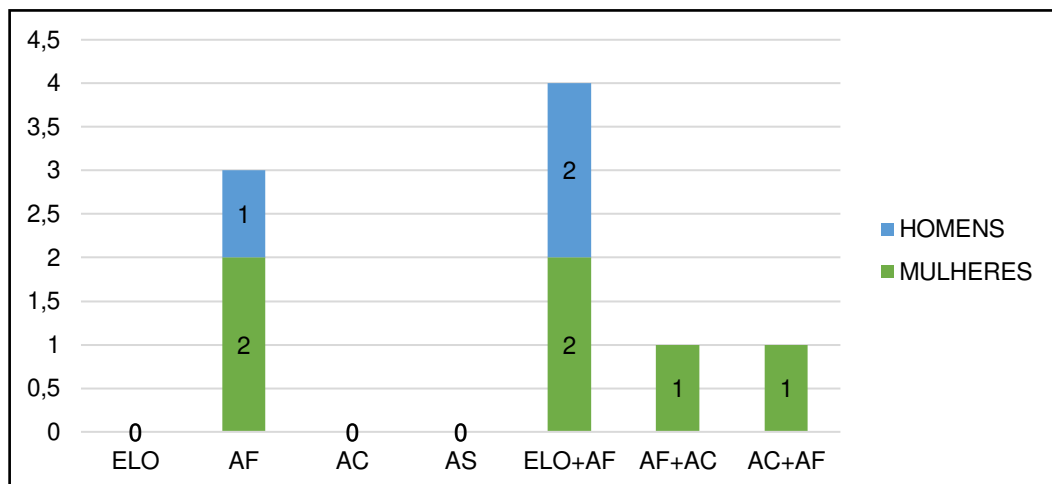


Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar, no quinto período, os resultados são semelhantes ao do terceiro, três homens e duas mulheres tiveram como fator motivacional de seus sinais o aspecto físico (AF) e uma mulher, empréstimo de língua oral + aspecto físico (ELO+AF). Nesse período não foram detectadas outras taxes.

Passamos, agora, para a somatória das taxes no 7º período, conforme pode ser visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Taxes do 7º Período

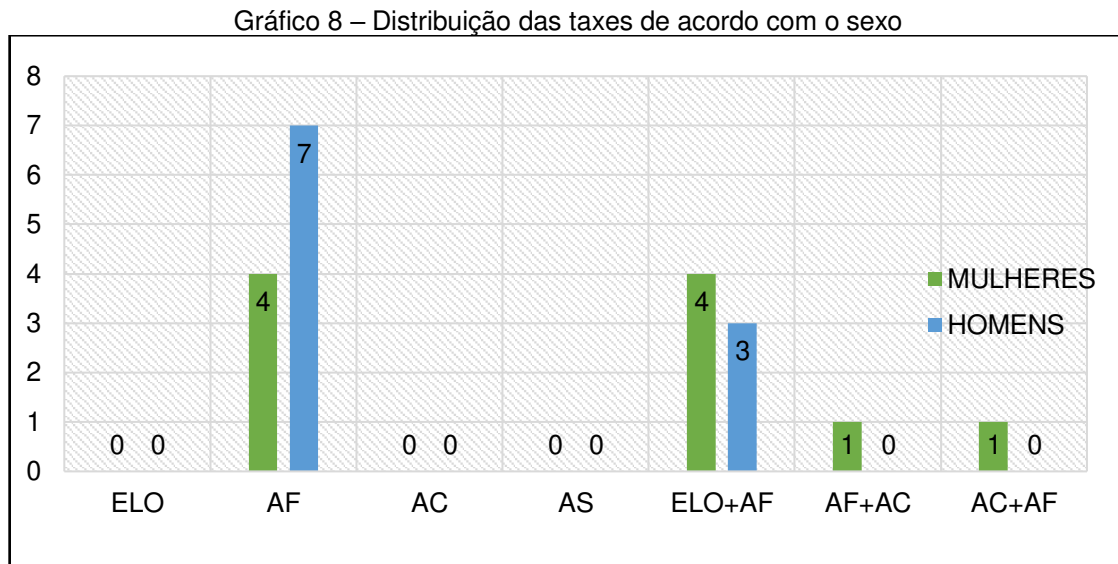


Fonte: Elaborado pela autora.

Já no sétimo período detectamos uma maior diversificação quanto a motivação dos sinais. A taxa mais representativa foi o empréstimo de língua oral+ aspecto físico (ELO+AF) dois homens e duas mulheres com sinais motivados por essas características, em seguida a taxa aspecto físico (AF) teve um homem e duas mulheres e com o mesmo quantitativo, uma mulher, as taxes aspecto físico+ aspecto comportamental (AF+AC) e aspecto comportamental+ aspecto físico (AC+AF).



Outro aspecto que observamos foi a distribuição dos aspectos motivacionais com relação ao sexo, como apresentamos, quantitativamente, no gráfico a seguir.



Fonte: Elaborado pela autora.

A quantidade de informantes do sexo feminino e masculino foram divididas na mesma proporção, 10 mulheres e 10 homens. No gráfico é notório que o aspecto físico está presente em ambos os sexos, seja isoladamente ou em combinação com outras taxes. Podemos inferir que o aspecto físico, nesta pesquisa, não é uma motivação específica de um sexo.

Os sinais-nome tiveram como maior motivação entre os sexos feminino e masculino a taxa aspecto físico (AF), com sete homens e quatro mulheres, em seguida as taxes combinadas empréstimo de língua oral+ aspecto físico (ELO+AF) com quatro mulheres e três homens e por fim as taxes aspecto físico+ aspecto comportamental (AF+ AC) e aspecto comportamental+ aspecto físico (AC+ AF), uma mulher em ambas as taxes.

Podemos notar que há uma maior diversificação da motivação entre os sinais-nome das mulheres com um maior número de taxes AF, ELO+ AF, AF+ AC e AC+ AF, já e entre os homens, verificamos apenas duas taxes, AF e ELO+ AF. Não houve sinais motivados por outras taxes.

Por fim, para que possamos entender qual a proporção geral das taxes, subtaxes e infrataxes e a sua predominância, se faz necessário observarmos a tabela a seguir:

Tabela 2 – Distribuição geral das taxes

TOTAL GERAL				
TAXES	3º Período	5º Período	7º Período	TOTAL
ELO				0
AF	04	05	02	11
AC				0
AS				0
ELO+AF	01	01	05	07
AF+AC			01	01
AC+AF			01	01
<b>TOTAL</b>	<b>06</b>	<b>06</b>	<b>08</b>	<b>20</b>

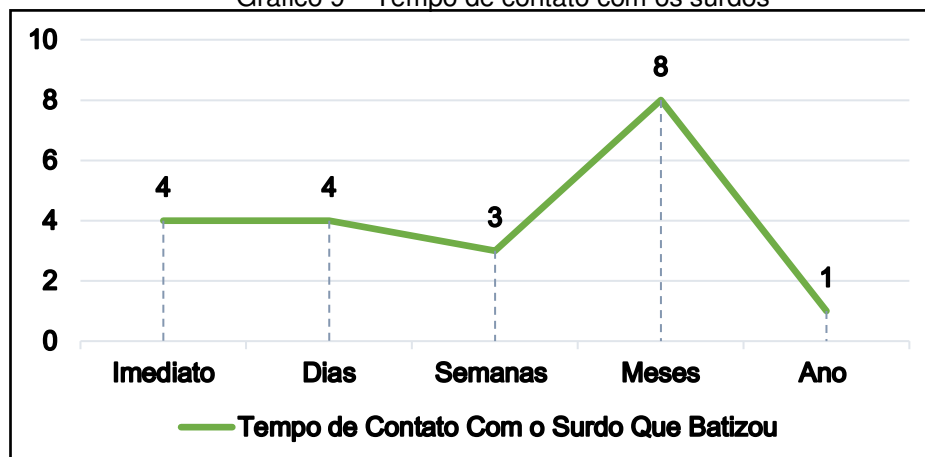
Fonte: Elaborado pela autora.

Como já mencionado no Gráfico 1, a taxa AF detém a maior quantidade na motivação utilizada pelos surdos ao nomear ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade federal do Acre, é também a única taxa isolada com 55%. Em seguida a taxa ELO+AF com 35%, posteriormente a taxa AF+ AC corresponde a 5% e por fim com o mesmo percentual 5% a taxa AC+AF.

As taxas ELO, AC e AS não foram encontradas nesta pesquisa como a motivação utilizada pelos surdos isoladamente. ELO e AC são motivações utilizadas, mas em combinação com a taxa AF.

Perguntamos também aos informantes desta pesquisa o tempo de contato que tiveram com surdos que os nomearam para que pudéssemos verificar se as escolhas das taxes estavam relacionadas com o tempo em que os surdos e ouvintes se conheciam, e os resultados podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 9 – Tempo de contato com os surdos



Fonte: Elaborado pela autora.

O tempo de contato imediato é quando o surdo conheceu o ouvinte na hora do batismo e em seguida já lhe atribui um sinal. Dentre os vinte entrevistados quatro pessoas informaram que tiveram um contato imediato.

Os dias podem ser variados, no período de um a seis. Quatro pessoas informaram que tiveram contato de dias antes de receber o sinal.

As semanas podem ser de uma a três, e três pessoas informaram que tiveram contato de semanas.

Nos meses, consideramos de um a onze meses de contato e foi o tempo que mais apareceu entre os informantes, oito deles, disseram que tiveram alguns meses entre conhecer o surdo e ser batizado, a quantidade de meses também variam de um, dois, três, quatro, seis e oito meses.

Referente a ano, apenas uma pessoa teve um tempo de contato maior que foi de um ano até receber seu sinal.

Assim, nota-se que a maioria dos entrevistados tiveram pouco tempo de contato com os surdos que os batizaram. O tempo imediato até semanas somam um total de onze pessoas, destas, nove têm como motivação no seu sinal a taxa AF, e duas a taxa ELO+ AF, quanto ao tempo de contato de meses, dos oito informantes quatro têm o sinal motivado pela taxa ELO+ AF, dois a taxa AF, um a taxa AF+AC e um taxa AC+ AF. E o informante com o maior tempo de contato (um ano) tem como motivação a taxa ELO+AF. Dessa maneira, podemos presumir que o tempo de contato pode interferir na escolha da motivação.

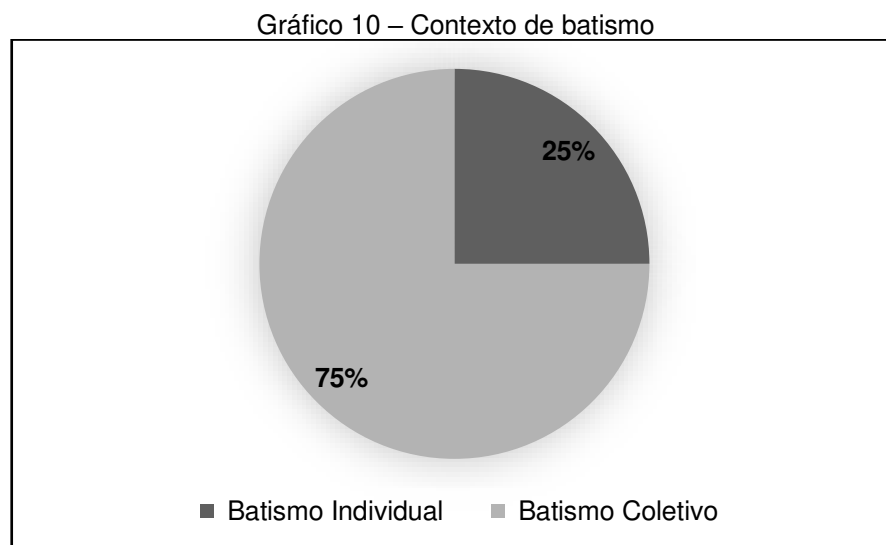
Souza e Gediel (2017) também abordam o tempo de contato em sua pesquisa. As autoras relatam que uns dos surdos entrevistados considera que nomear não deve ser um processo rápido “o processo de nomeação não é rápido, pode demorar em torno de seis meses para se chegar a um consenso sobre a criação de um sinal para uma pessoa” (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 175) outro surdo afirma que quando alguém pede um sinal se faz necessário um tempo para observar suas características para não ter que fazer uso da primeira letra do nome em português no sinal.

Além disso, perguntamos qual o contexto em que esses alunos receberam seus sinais, e dividimos esses momentos em Batismo individual e Batismo Coletivo:

a) Batismo Individual: Diz respeito ao batismo em que o surdo nomeia apenas uma pessoa, na maioria das vezes o surdo tem um tempo maior de contato com o sujeito nomeado, o observa melhor, podem ter uma relação mais profunda, se conhecem a mais tempo, são amigos ou parentes.

b) **Batismo Coletivo:** Refere-se ao batismo com mais de uma pessoa, normalmente são realizados em cursos de Libras básico, intermediário, avançado, de intérprete ou curso de Letras Libras, em que grupos de pessoas recebem seu sinal-nome. Se não houver um surdo nesse ambiente, outro é convidado para dar o sinal. O surdo tem um tempo de contato menor com o sujeito nomeado e muitas vezes o conheceu naquele mesmo dia.

O contexto em que o participante recebeu seu sinal (foi batizado) pode ser visualizado no gráfico a seguir:



Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos analisar no gráfico, 25% dos informantes responderam que seu batismo foi individual (5 pessoas) em contextos informais e mais espontâneos, com surdos que muitas vezes já eram do seu convívio no dia a dia, ou seja, mantinham uma relação mais longa. Quanto ao batismo coletivo, 75% dos informantes (15 pessoas) receberam o seu sina-nome em um momento reservado especificamente para o batismo, realizado principalmente nos cursos de Libras e/ou nos cursos superiores de Letras Libras, o sinal era dado pelos surdos a várias pessoas no mesmo dia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de nomear é umas das características marcantes do povo surdo, o sinal-nome torna-se uma porta de entrada para a comunidade surda e é concretizado no momento do batismo em que o surdo nomeia ouvintes e outros surdos, levando em considerações várias motivações relacionadas ao sujeito que será nomeado: aspectos físicos, aspectos comportamentais etc.

Assim, nesta pesquisa tínhamos como objetivo principal analisar os sinais-nomes dos alunos ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre quanto aos aspectos formais e motivacionais.

Em relação à metodologia, adotamos a pesquisa descritiva, de natureza aplicada, de abordagem quali-quantitativa; os procedimentos foram de natureza documental com uso de entrevista semiestruturada.

Quanto aos objetivos específicos: a) coletar os sinais-nome, seguindo a proposta de Sousa; Oliveira; Filho e Quadros (2021); b) analisar os fatores motivacionais na criação dos sinais-nome, seguindo a proposta de Barros (2018); c) categorizar os sinais-nomes em taxes e subtaxes; e d) analisar, quantitativamente, os sinais-nome de acordo com as taxes e subtaxes propostas por Barros (2018).

Para isso, selecionamos 10 mulheres e 10 homens do 3º, 5º e 7º período do curso de Letras Libras, matriculados no ano de 2020/2021 e aplicamos um questionário que serviu como base da nossa pesquisa e continha as seguintes perguntas: 1. Qual seu nome? 2. Qual período do curso de Letras Libras você está matriculado? 3. Qual seu sinal em Libras? 4. Qual o motivo desse sinal? 5. Em que contexto, você recebeu esse sinal, quanto tempo de contato com o surdo?

As respostas dos participantes foram armazenadas em fichas catalográficas, e, posteriormente, analisadas quanto aos fatores motivacionais.

Como resultados, identificamos que o fator motivacional mais utilizado pelos surdos ao nomear os ouvintes do curso de Letras Libras foi o Aspecto Físico (AF) com 55% dos sinais coletados. Em segundo lugar, o Empréstimo de Língua Oral + Aspecto Físico (ELO+ AF) foi a mais utilizada, com 35%; em seguida, o Aspecto Físico+ Aspecto Comportamental (AF+ AC) foi contabilizado em 5%; com o mesmo quantitativo, o Aspecto Comportamental (AC) + Aspecto Físico (AC+AF) somou 5%.

Foi interessante observar que a taxa AF esteve presente em todas motivações, seja isoladamente ou em combinação com outras taxas, destacando características como o formato do cabelo, o formato das bochechas, a presença de sinal, entre outras.

Provavelmente essa predominância da taxa AF se dá, nos dados analisados, pelo fato de a experiência visual dos surdos ser preponderante e fundamental nos primeiros contatos do surdo para a ato do “batismo”. Isso foi possível verificar, por conta das informações passadas nas entrevistas, mostrando que o tempo de contato do surdo com o sujeito nomeado, em sua maioria, foi imediato, dias ou semanas, totalizando 11 sinais. Desse modo, presume-se ser mais improvável atribuir um sinal-nome baseado em aspectos comportamentais ou aspectos sociais, tendo em vista que seria necessária uma convivência maior entre surdo e ouvinte para saber tais informações. Veja-se, por exemplo, que a taxa Aspecto Social (AS) – que tem como uma das subtaxes a profissão – não foi detectada em nenhuma das entrevistas.

Além disso, nesse estudo verificamos o contexto de batismo e dividimos em individual e coletivo, 75% dos entrevistados informaram que seu batismo foi coletivo, ou seja, mais pessoas ganharam seu sinal-nome no mesmo dia em um momento específico para o batismo e apenas 25% tiveram seu batismo individual, conheciam o surdo a mais tempo e mantinham uma relação.

Esperamos que a presente pesquisa contribua com os estudos já realizados na área da Onomástica em Libras, mais precisamente o estudo dos sinais-nome, com a análise desenvolvida a respeito dos sinais dos alunos ouvintes de Letras Libras da universidade Federal do Acre. O tema não se esgota aqui. Outros dados poderão revelar resultados diferentes, a depender das diferenças geográficas ou quanto ao sujeito nomeado (surdos) ou mesmo, quanto ao tempo de contato entre o nomeador e o nomeado. Ficam ideias para estudos futuros.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. T. R; SEIDE, M. S: **Nomes Próprios de Pessoa**: Introdução à Antroponímia Brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.
- BARROS, M. E. **Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais**. A Motivação dos Sinais-Nomes. Revista RE-UNIR, v. 5, nº 2, p. 40-62, 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. O Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO; A. P. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Editora UFMS, Campo Grande, 1998.
- BRASIL. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.
- BRASIL. **LEI Nº 10.436 de 24** de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências, Brasília, DF, abril de 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 3 set. 2020.
- CAMBRAIA, C. N.; ROMERO, S. C. Neologismos em uma Perspectiva Sociolinguística. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, ES, v. 5, n.10, p. 74–91, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/8462>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- DICIONÁRIO ONOMÁSTICO. **Manuário Acadêmico e Escolar Ines**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.manuario.com.br/dicionario-onomastico>. Acesso em: 7. jan. 2021.
- DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. P. A. **Toponímia e antroponímia do Brasil**: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo, Cultrix, 1973.
- ECRET, K; RÖHRIG, M. Antroponímia Ficcional: o caso Ubirajara, de José de Alencar. **Revista Gtlex**, Uberlândia, v. 2 n. 1, p. 170-189, jul/dez. 2016. Disponível: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/37831>. Acesso em: 22. dez. 2020.
- FERREIRA, A. L; WECK, J. T; SILVA, J. E. F; SOUZA, M. F. V; SANTOS, P. R. A. **Módulo 2 Aprendendo libras**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez:** sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2009.

AGUIAR, M. C. de. Descrição e análise dos sinais topônimos da Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Orgs.). **Libras em estudo:** descrição e análise. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 109-121.

MINAYO, M. C. S (Org). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MUSSI, R. F. F; MUSSI, L. M. P. T; ASSUNÇÃO, E. T. C; NUNES, C. P. Pesquisa Quantitativa e/ou qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Sustinere Revista de Saúde e Educação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 414-430, jul/dez. 2019. Disponível em: [https://www.e\\_publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193/32038](https://www.e_publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193/32038) Acesso em 7. jan. 2021.

OLIVEIRA, G. C. S.; SOUSA, A. M.; GONÇALVES-FILHO, J. S. T.; STUMPF, M. O signwriting (escrita de sinais) como proposta de registro escrito do sinal-nome/pessoa em libras. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 661–672, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3375> Acesso em: 7 maio. 2021.

PEDRASSANI, J. S; ECKERT, K; RÖHRING, M. Onomástica literária: os nomes dos personagens do romance *Lucíola* de José de Alencar. **Revista Gtlex**, Uberlândia, v. 3 n. 2, p. 294-312, jan/Jul. 2018 Disponível: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53112>. Acesso em: 21. dez.2020.

PERNISS, P. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937> Acesso em: 5 maio 2021.

QUADROS, R. M. **Língua de herança-língua brasileira de sinais.** Porto Alegre: Ed. Penso, 2017.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira:** estudos lingüísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M; PIZZIO, L.A; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

QUADROS, R.M. Contextualização dos Estudos Linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T.A. (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I.** 1ª. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2013.



QUADROS, R.M: **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RECH, G. C; SELL, F. S. F: Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. **Onomástica Desde América Latina**, n.2, v.1, 2020, p. 67-81. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25446> Acesso em: 10. dez. 2020.

SEABRA, M. C.T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**. Uberlândia, vol. 3, n.1, jul.–dez. 2017, p. 7-22. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813/28666> Acesso em: 20 abril 2021.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais toponímicos dos municípios acreanos. In: CAVALHEIRO, J.; LUDWIG, C. R.; LANES, E. J. (org.). **Lingua (gem), ensino e formação docente**. Manaus: Editora UEA, 2019a.

SOUSA, A. M.; SANTOS-JUNIOR, J. R.; LIMA, I. Q. Expansão lexical em libras no contexto do coronavírus. **Revista Papéis**, Campo Grande, MS, v. 24, n. esp., 2020, p. 72-96. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/papeis/article/view/12395/8738> Acesso em: 07 maio 2021.

SOUSA, A. M; OLIVEIRA, G. C. S; GONÇALVES-FILHO, J. S. T; QUADROS, R. M. Antroponímia em línguas de sinais: os sinais-nome de Florianópolis, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7 n. 26, 2020, p. 112-124. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2598> Acesso em: 11 maio 2021.

SOUZA, I. L.; GEDIEL, A. L: Os sinais dos Surdos: Uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos Linguística Aplicada**, Campinas, 2017.

SOUZA, J. J. E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

TAUB, S. F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ZANCANARO-JÚNIOR, L. A. **Produções em Libras Como Segunda Língua por Ouvintes não Fluentes e Fluentes**: um olhar atento para os parâmetros fonológicos. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis: UFSC, 2013.